

Nunca houve pensamentos conflitantes dentro de mim sobre preto e branco versus fotografia colorida. A mudança [de pb para cor – n.t.] veio naturalmente. Eu ansiava por ela, precisava dela; eu estava pronto para ela, e havia um filme disponível com o qual eu podia trabalhar. O ano era 1949, e o filme era o Kodak I, de sensibilidade Iso 12.

Eu ainda não entendo todas essas discussões problemáticas sobre cor versus preto e branco. Eu amo ambos [os tipos de filme], mas eles falam línguas diferentes dentro do mesmo quadro. Ambos são fascinantes.

Cor não significa preto e branco mais cor. Nem preto e branco é simplesmente uma fotografia sem cor. Cada um necessita de uma atenção diferente na visão e, por causa disso, uma disciplina diferente. Os momentos decisivos em preto e branco e na cor não são idênticos.

Há três diferentes fatores que precisam ser identificados e equilibrados: forma, conteúdo e cor. O último [fator] nem sempre beneficia a composição. Pode até mesmo ir contra, caso no qual deve ser superado. Traduzir um mundo de cor em preto e branco é muito mais fácil do que superar a cor, que tão comumente corre em sentido contrário em relação ao assunto fotografado. Há os esnobes do preto e branco, e os esnobes da cor. Por causa de sua inabilidade para usar os dois [tipos de filme] bem, eles funcionam na defensiva e criam campos. Nós nunca deveríamos julgar um fotógrafo em relação ao tipo de filme que ele usa – somente em relação ao modo como ele o utiliza.

É difícil para mim escrever sobre um problema que, para mim, foi simplesmente uma evolução natural. Eu tenho trabalhado por 35 anos como fotógrafo. Pelo menos um terço desse tempo foi em preto e branco, e não havia nada mais. O resto foi em cor, com alguns anos infelizes quando nos pediam para trabalhar nos dois estilos.